

ÍNDIGO

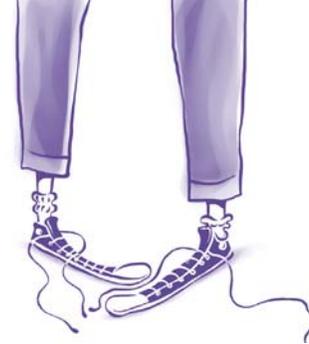
PERDENDO PERNINHAS

SUPLEMENTO DO PROFESSOR



editora scipione

IDEIAS PARA A SALA DE AULA



AQUI VOCÊ VAI ENCONTRAR SUGESTÕES DE ATIVIDADES PARA SEREM DESENVOLVIDAS EM SALA DE AULA ANTES, DURANTE E DEPOIS DA LEITURA. ELAS PROPÕEM REFLEXÕES SOBRE A HISTÓRIA, SOBRE A ESTRUTURA NARRATIVA E SOBRE TEMAS INTERDISCIPLINARES PARA ALÉM DA FICÇÃO.

1. ESTUDO DE PERSONAGENS

Na TV, no teatro e na literatura não faltam exemplos de representações de salas de aula em que estereótipos mais ou menos comuns à experiência escolar de diversas gerações — tais como o valentão, o preguiçoso, o bajulador, o quieto, a adiantada, o bagunceiro “do fundão”, a maria vai com as outras, o tagarela, a popular... — têm seus modos exacerbadamente explorados. Como aquecimento para a leitura de *Perdendo perninhas*, o professor pode envolver a turma na tarefa lúdica de construção de uma galeria de personagens-tipo: em um mural, caricaturas podem encabeçar pequenas fichas, das quais constem as principais características físicas e psicológicas de cada um. À medida que a leitura avança e a discussão coletiva do texto se desenvolve, o mural pode ser revisitado para dar suporte a debates conjuntos e a propostas de reflexões individuais:

- De quais tipos mais se aproximam os personagens do livro?
- Ao longo da narrativa suas ações reiteram sua identificação com um estereótipo ou fazem com que se afastem dele, revelando maior complexidade? Como?
- Na vida, é possível enquadrar a si mesmo e aos colegas de classe nos limites de personagens-tipo?

Professor: na confecção da galeria de personagens é importante conduzir o trabalho de modo a evitar que a classe faça a associação simplista de um tipo com um aluno em particular. A intenção da atividade é diluir os rótulos tão difundidos na escola, e não reforçá-los.

2. PENSANDO E REPENSANDO A REPETÊNCIA

Quando Alexandra se apresenta como repetente para o trio de amigas que acaba de chegar ao sexto ano, Cíntia a princípio tem dificuldade em acreditar no que ouve, pois pensa que “ninguém mais repete de ano”. Depois, pondera que deve ser horrível ser apartada dos amigos.

A questão da retenção, tão debatida entre políticos, educadores e pais, pode neste ponto da leitura ser lançada como objeto de discussão também para os alunos. Assim, depois de conversar com o grupo tanto a política de promoção de ano aplicada na

própria escola quanto os conceitos que norteiam as opções de aprovação/reprovação em um contexto social mais amplo — tais como a preocupação com a evasão escolar, por um lado, e a necessidade de se garantir não só o direito à educação como também o direito à aprendizagem, por outro —, o professor pode solicitar que os estudantes escrevam textos argumentativos expondo em quais situações repetir de ano é recomendável e proveitoso e em quais não é, de acordo com a convicção que formaram. Depois de prontos e revisados, os textos podem ser lidos em voz alta e avaliados pelo grupo de acordo com a quantidade e a qualidade dos argumentos que apresentem.

3. ÀS MARGENS OU NO CENTRO DO GRUPO

O primeiro dia de aula de Ágata, Mirela e Cíntia não foi fácil. Depois do tragicômico incidente envolvendo a garrafinha térmica da lancheira de Cíntia, que escapou da mochila e encharcou de Ovomaltine a classe inteira, as três passaram o intervalo escondidas atrás de uma gruta e se dispersaram sem qualquer camaradagem na saída, momento em que Ágata conseguiu fazer a seguinte análise da situação:

*“Era esquisito ir embora sem ter com quem conversar, mas era melhor do que estar na pele da minha amiga. Se é que eu podia me considerar sua amiga...
Andando naquele corredor, me dei conta de que me importava muito mais com a impressão que eu causava nos outros colegas do que em ajudar Cíntia.”*

A decisão de fazer ou deixar de fazer alguma coisa para ser admirado ou querido pelos outros, ainda que traindo as próprias convicções, é um dilema que em algum momento se impõe a quase todo adolescente. Para ajudar a classe a tomar consciência dessas situações e a lidar com elas crítica e saudavelmente, o professor pode conduzir a seguinte dinâmica: após sentar-se em círculo com a turma e introduzir o assunto valendo-se dos sentimentos da personagem-narradora de *Perdendo perninhas*, entrega a cada aluno dois pequenos pedaços de papel. No primeiro, cada um deve completar, a seu modo, a seguinte frase: “Eu me sinto incluído pelo grupo quando...”; e, no segundo, “Eu me sinto excluído pelo grupo quando...”. Frases escritas, os papéis são separados em dois montinhos, conforme a frase que completarem, e depois lidos em voz alta pelo docente — que pode fazer intervenções quando avaliar a necessidade de que se reflita sobre um tópico específico — ou aproveitados para a elaboração de um contrato de convivência, com cláusulas redigidas pelo próprio grupo, valorizando as boas práticas de acolhida e interação.



4. QUESTÕES DE GÊNERO NA ESCOLA

“Percebi também que Alexandra entendia a forma de raciocinar dos meninos. Sabia conversar com eles. Os meninos, representados pela figura de Nelsinho, consideravam Alexandra uma garota interessante e eram secretamente apaixonados por ela. Saquei que Alexandra tinha controle absoluto sobre todos os meninos da escola e podia chamá-los e dispensá-los quando bem entendesse [...]”.

Constatando o fato de que Ágata, a narradora-personagem, mantém pouco contato e nenhuma amizade consistente com meninos, o professor pode dividir a turma em grupos em que a presença de meninas e meninos seja equilibrada e solicitar que essas os entrevistem a fim de conversarem sobre...

- ... se entre eles as “regras de comportamento” aplicáveis ao ensino fundamental II são semelhantes àquelas assumidas pelas garotas no livro;
- ... se eles também têm tanta pressa de se mostrarem crescidos e abandonarem as brincadeiras quanto elas;
- ... qual é o perfil de rapaz que costuma assumir a liderança nos grupos de amigos (se é que há um perfil recorrente);
- ... como eles se sentem em relação à forma como os garotos são retratados na narrativa;
- ... o que seria diferente na história se ela tivesse sido contada por um narrador-personagem masculino, no caso de acharem que haveria uma diferença.

Depois, em uma roda de conferência, cada grupo pode expor o que aprendeu de mais esclarecedor com a conversa.

5. ENTRE A BRINCADEIRA E O BULLYING

Quando Alexandra começa a chamar Cíntia de Ovo (contração de “Ovomaltine”), esta aceita, mas com evidente constrangimento. A medida exata do desconforto que o apelido lhe gerou, aliás, só ficamos sabendo quando, já perto do fim da narrativa, descobrimos que ele é um dos motivos para a menina sentir o “desejo secreto de desaparecer” que se traduziu em sua determinação de cobrir-se com uma burca. Após discutir com a classe a estranha relação que se desenvolve entre Alexandra e Cíntia (que envolve proximidade e distanciamento, carinho e animosidade), o professor pode lançar à turma a tarefa de pesquisar — em jornais, revistas, livros ou internet — o conceito de bullying. Depois, dividindo a classe em dois grupos, pode organizar um debate encarregando cada equipe de argumentar a favor de uma posição, conforme seus membros entendam que Alexandra apenas brincou com a colega dentro dos limites aceitáveis para o contexto escolar ou que praticou bullying de fato.



6. NO ENCALÇO DO DIABINHO VERDE

As habilidades de selecionar, relacionar e interpretar conteúdos de um texto (checando a compreensão de informações explícitas e implícitas) são exercitadas ao longo de todos os anos de escolaridade. Evidentemente, no entanto, praticá-las em textos curtos (bilhetes, cartas, crônicas, poemas...) é diferente de praticá-las em textos de maior fôlego (contos, novelas, textos teatrais, romances...).

Sendo os encontros de Ágata com o demônio verde um dos fios condutores de *Perdendo perninhas*, o professor pode guiar a classe em uma releitura panorâmica do livro destinada a destacar do corpo do texto todas as passagens em que a protagonista interage com a criatura, levando a turma a uma experiência mais complexa de seleção. Uma vez localizados os fragmentos, pode-se ainda compará-los, com o objetivo de descobrir a partir de qual momento se torna possível ao leitor entender que os tais encontros se realizam em um espaço psíquico, e não em um espaço físico.

Para finalizar, os trechos podem ser ainda interpretados com vistas a que o grupo perceba através de qual processo gradual Ágata passou de um momento em que era dominada por seu demônio para outro em que era capaz de dominá-lo até, finalmente, chegar a um momento em que simplesmente o aceitou, mas não se entregou a ele. Durante o percurso, o professor pode demonstrar para os alunos como essas fases se relacionam às etapas do próprio amadurecimento da garota.

7. LISTERINE E VICK VAPORUB

A passagem do “exorcismo” de Ágata, realizado à base de Listerine e Vick VapoRub, é patética e divertida porque revela o quanto de imaturidade persiste na “adulta” Alexandra, mentora dessa ideia estapafúrdia. É importante, no entanto, que não se deixe de apontar para os alunos a possibilidade de atos inconsequentes como esse terem desdobramentos ruins. O professor de ciências pode, assim, aproveitar o episódio para introduzir os estudantes na útil tarefa de ler rótulos, começando pelo logotipo e eventual *slogan* do produto; passando por avisos importantes (como: “somente para uso externo”) e instruções de uso; e chegando aos “ingredientes”, em geral tão desprezados por quem não tem alguma noção de química.

8. A APRESENTAÇÃO ECUMÊNICA

A apresentação ecumênica orientada pela professora Hannah tem, por vários motivos, uma função central no texto. A escolha do hinduísmo como religião a ser estudada pelo quarteto principal da narrativa é que justifica Alexandra se abancar no papel de “guru” das demais; as três semanas de preparação para o trabalho coincidem com o tempo durante o qual se desenvolvem as ações principais da trama; boa parte dos



conteúdos transversais explorados na obra aflora no texto no capítulo “O grande encontro universal das religiões”. Caso a classe não tenha tido em anos anteriores a oportunidade de estudar as diversas religiões — não sob um ponto de vista doutrinário, mas sob uma perspectiva cultural —, o professor de história, o de filosofia ou o de ensino religioso (conforme a série em que o livro seja adotado e de acordo com o currículo da escola) pode dividir a turma em equipes e replicar a atividade narrada no livro, tomando apenas o cuidado de fazer com que os alunos ampliem suas fontes de pesquisa e não reproduzam apenas as informações que já estão oferecidas ali.

9. ENTRE UMA LAGARTA E UM SER HUMANO, ENTRE MORRER E SER QUEIMADO, A PONTE INVISÍVEL DA METÁFORA



— *Estou me sentindo culpada com o que aconteceu.*
— *Por quê? Se tem alguém que devia se sentir culpada é a Cíntia. Foi ela quem matou Alexandra. A metáfora estava indo longe demais. Era melhor parar.*
— *Foi ela quem queimou Alexandra.*
— *Você entendeu o que eu quis dizer.”*

Esse fragmento, retirado do capítulo “O casulo azul”, nomeia explicitamente uma figura de linguagem que, de fato, permeia o texto inteiro, fazendo-se presente da primeira à última página. O professor pode aproveitar esse ponto da leitura, em que será natural despontar entre os alunos a dúvida sobre o significado de “metáfora”, para definir, explicar e exemplificar este recurso, fundamental à produção literária. Pode também, quando chegar com a turma ao fim do livro, resgatá-lo para ajudar os alunos a elaborarem, com clareza de pensamento, uma justificativa para o título *Perdendo perninhas*. Nesse ponto, poderá recapitular, em uma sessão oral de conferência na qual todos sejam estimulados a usar sua memória e sua habilidade de estabelecer relações, quais as transformações pelas quais passou Ágata nos intervalos que separam cada um destes momentos cruciais da narrativa:

1. o primeiro dia de aula, no qual a menina “sabia que havia chegado o momento de [se] enfiar num casulo, [se] dissolver numa sopa de DNA e [se] reorganizar”;

2. o dia que antecedeu a apresentação ecumênica, no qual ela “continuava [se] sentindo como a gosma amorfa da lagarta que precisa se decompor para virar borboleta”, mas já era capaz de, de dentro de seu casulo, observar o mundo ao redor e analisá-lo: “Alexandra [...] já era uma borboleta que voava por onde bem entendesse. Mirela [...] era uma borboleta recém-nascida, toda cheia de si. Cíntia continuava sendo uma lagarta com cem perninhas”;

3. o dia em que Alexandra falhou em provar sua autoproclamada mediunidade, no qual Ágata, subitamente, percebeu que já não se importava mais com o que os outros falavam ou pensavam sobre ela e sobre estereótipos de comportamento e concluiu que “havia [se] livrado daquele monte de perninhas. [Sua] alma não era oca. Ela comportava vários deuses, uma criatura verde e muita coragem”, o que faz com que consiga desdobrar suas “novas asas coloridas”.

ATIVIDADE ESPECIAL



RITOS DE PASSAGEM URBANOS E CONTEMPORÂNEOS

ESTA ATIVIDADE TEM COMO PROPOSTA UNIR AS DISCUSSÕES E AS ATIVIDADES ANTERIORES ACERCA DE *PERDENDO PERNINHAS*, FAZENDO COM QUE OS ALUNOS REFLITAM AINDA MAIS SOBRE A HISTÓRIA, CRIANDO NOVAS FORMAS NARRATIVAS QUE TENHAM COMO BASE O LIVRO LIDO.

PRIMEIRO PASSO *Perdendo perninhas* tem como tema central o fim da infância e o início da adolescência. Esse momento crucial do desenvolvimento humano é marcado em diversas culturas pela realização de cerimônias ou exposição do púbere a vivências singulares. Professor, divida a classe em grupos para que pesquisem essas celebrações, que por vezes envolvem provas físicas ou desafios, às quais chamamos “ritos de passagem”.

SEGUNDO PASSO Realizada a pesquisa, cada grupo pode apresentar suas descobertas, valendo-se dos recursos que conseguiu produzir ou disponibilizar (fotos, vídeos, apresentações em *slides*...).

TERCEIRO PASSO Coloque em debate a questão de saber se, no contexto do livro, o ingresso no ensino fundamental II pode ser considerado um fato análogo a um rito de passagem. Como a resposta provavelmente será positiva, peça que cada grupo encontre e retire, do próprio livro, frases que confirmem sua opinião.

QUARTO PASSO Depois de refletirem sobre como as coisas se passam na história, convide os alunos a pensar sobre como elas aconteceram em suas próprias vidas, estimulando cada um a dizer quais foram, para si, os principais impactos da chegada ao sexto ano.

QUINTO PASSO Constatando que nas culturas em que há ritos de passagem em geral as crianças são precocemente instruídas para o que terão de fazer neste momento e que, na narrativa, as instruções de Mirela são insuficientes, solicite a cada grupo a elaboração de um manual de sobrevivência ao sexto ano: algo que vá além dos conselhos de quais objetos usar ou guardar depois do término do quinto ano e abranja também dicas para o relacionamento com pais, colegas e professores, assim como com os próprios interesses em transformação.

SEXTO PASSO Prontos, ilustrados, encadernados e revisados, os manuais podem circular entre as salas de quintos e sextos anos.